

A ocupação tardo-romana da Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós)

Recebido em:
4 de Outubro de 2022
Aceite em:
20 de Novembro de 2023
Publicado em:
28 de Dezembro de 2023

ANA ROSA CRUZ^{A†}, JOSÉ RUIVO^B, TIAGO TOMÉ^C, PEDRO VALÉRIO^D, MARIA FÁTIMA ARAÚJO^D, VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA^E

^A Instituto Politécnico de Tomar - Centro Transdisciplinar das Arqueologias;

^B Museu Nacional de Conimbriga; Email: joseruivo@mmconimbriga.dgpc.pt

^C Universidade Federal de Minas Gerais;

^D Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares - Instituto Superior Técnico;

^E Museu Nacional de Conimbriga/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos;

In memoriam Ana Rosa Cruz

RESUMO

Palavras-chave:

Antiguidade tardia;
Enterramentos;
Numismática;
Cerâmica;
Gruta.

O artigo apresenta as evidências de uma ocupação da cavidade natural da Lapa Rasteira no séc. V d.C., caracterizada através dos vestígios antropológicos, numismáticos e cerâmicos recuperados em escavação. As datações de radiocarbono e o problema da conservação de algumas moedas de bronze são também discutidos.

São apontadas as características funerárias e de abrigo temporário de que essa ocupação se revestiu.

ABSTRACT

Key-words:

Late Antiquity;
Burials;
Numismatics;
Pottery;
Cave.

The article presents evidence of an occupation of the natural cavity of Lapa Rasteira in the 5th century AD, characterised by anthropological, numismatic and ceramic remains recovered during excavation. Radiocarbon dating and the problem of the conservation of some bronze coins are also discussed.

The funerary and temporary shelter characteristics of this occupation are pointed out.

1. CONTEXTO GEOGRÁFICO, GEOLÓGICO E PALEONTOLÓGICO

A Lapa Rasteira do Castelejo (CNS 32865) é uma gruta de morfologia cársica, de pequenas dimensões, com duas salas e uma entrada baixa e rasteira, aberta no maciço calcário numa formação geológica apelidada localmente de Castelejo. Este é um afloramento que forma um esporão a partir do planalto de Santo António desenhando um pano de fundo à povoação de Alvados, para quem acede a partir da estrada de Mira de Aire para Porto de Mós, em conjunto com a costa de Alvados correspondente à face este da Serra de Candeeiros, separados pelo vale do Ribeiro da Canada.

Está geograficamente adstrita ao Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, classificado como área protegida desde 1979. Este, abarca o maciço calcário

estremenho incluindo a Serra de Aire, a Serra dos Candeeiros, o planalto de Santo António e o planalto de S. Mamede. Esta rede de cavidades e de outros elementos cársicos embora tenha grande importância e relevância geológica e ambiental possui nalguns casos a particularidade de ter também manifesto interesse arqueológico. Este interesse resulta, em casos particulares, na importância da utilização de cavidades, como esta e a Lapa Comprida do Castelejo, enquanto locais de deposição funerária e ritual durante a Pré-História recente até à época islâmica.

O afloramento geológico do Castelejo é de formação do período Batoniano, no Jurássico Médio, de acordo com a Carta Geológica de Portugal, folha nº 27A Vila Nova de Ourém à escala 1:50.000 (Zbyszewski et al., 1974). Segundo os autores corresponde ao afloramento na zona de fraturas de Alvados. E, por análise em sondagem estratigráfica, apresenta uma série de três estratos de calcários. (3 – calcários

cinzentos, gravelosos e oolíticos, formando uma bancada espessa coberta por algumas camadas mais delgadas (5m). Contém *Trocholinidae*, *Textuleriidae* e *Nautiloculinae*. 2 – calcário creme-claro, rijo, com fratura conchoidal e com secções de *Orbitolinidae* do género *kilianina* e algumas *Pseudocyclamina* (15 m). 1 – conjunto calcário de tons claros, sublitográficos e por vezes de tendência pseudo-oolítica ou gravelosa, com fragmentos de polípeiros, equinídeos, gastrópodes e, nos últimos 10 metros ao nível do moinho de Alfavaca, abundantes *Rhynchonella decorata* Schlot. (85 m). Próximo da extremidade existem algumas lapas abaixo das quais passa uma falha de orientação NW/SE que separa aquele afloramento de outro pertencente ao Oxfordiano e às “Camadas de Montejuento” do Jurássico Superior (Zbyszewski et al., 1974).

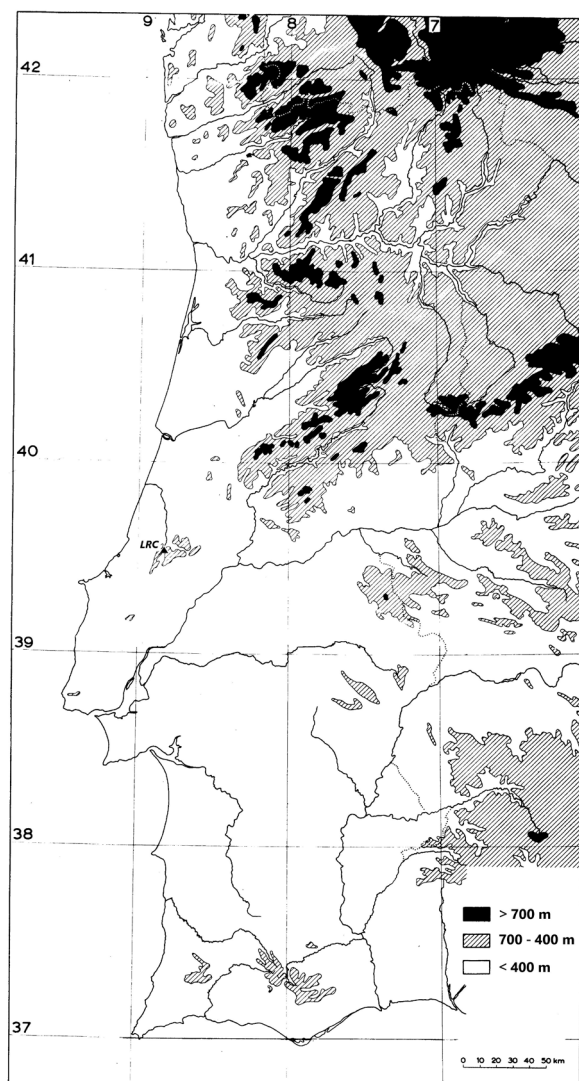


Figura 1: Localização da Lapa Rasteira do Castelejo no território português.

2. OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO E MICRO-ESTRATIGRAFIA DA LAPA RASTEIRA DO CASTELEJO

A intervenção arqueológica na Lapa Rasteira iniciou-se em 2009 e aconteceu na sequência de uma deslocação realizada em Outubro de 2008 à Lapa do Covão do Geão (conhecida pela população local de Alvados como Lapa Comprida do Castelejo), ocasião em que foram indicadas à responsável pelo projeto (ARC) outras lapas situadas em terreno pertencente ao mesmo proprietário, que manifestou interesse em as ver estudadas e preservadas. Destas lapas, a Lapa Rasteira manifestava relevância do ponto de vista arqueológico (presença de cerâmica e restos humanos), associada a uma utilização recente do espaço (presença de velas de altar) e vestígios de vandalização intensa. A observação do perfil da cavidade sugeriu a possibilidade de, em simultâneo, salvaguardar o espólio remanescente e proceder à definição de uma estratigrafia que tornasse possível dar início à análise das fases de sedimentação e de ocupação antrópica da cavidade.

O acesso do exterior à Lapa Rasteira é feito por uma abertura que se orienta a Nordeste (figura 2) em corredor de abertura semi-oval com cerca de oito metros de comprimento máximo e largura variável, até um metro de largura máxima.

Nesta gruta foram identificadas duas salas. A sala I alarga-se a partir do corredor numa forma sub-retangular com mais de 6 m de comprimento atingindo, na sua zona mais ampla, perto de 3 m de largura por 4,5 m de altura. A sala tem várias fendas sobretudo na zona de saída do corredor. O acesso à sala II abre-se semi-verticalmente a partir da sala I, a cerca de 3 m da entrada. Esta chaminé sobe a partir do chão na vertical adquirindo, a meio do trajeto, uma inclinação de cerca de 45°; desemboca numa plataforma curta, estreita e horizontal com um patamar na parede oeste que se prolonga para o teto. A plataforma termina em parede vertical com um pequeno nicho escavado até cerca de 1 metro, de onde segue até ao solo da segunda sala, na sua parede norte.

A sala II tem uma planta semi-quadrangular de onde parte uma chaminé a este, colmatada com preenchimento sedimentar, com uma subida com inclinação de mais ou menos 6° a partir da sala e, a oeste, junto à parede norte e à entrada da sala, parte um teto baixo junto ao solo em forma de espigão.

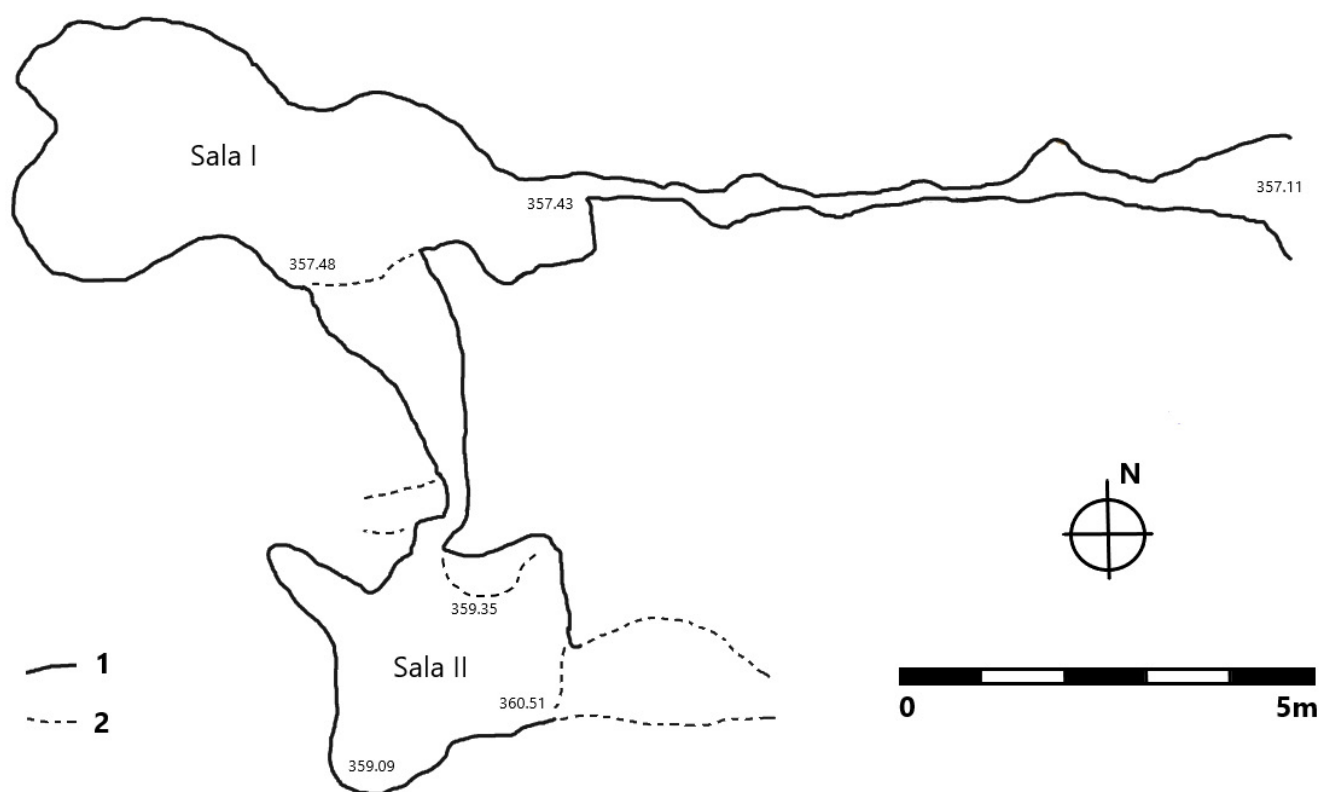


Figura 2: Planta esquemática da Lapa Rasteira do Castelejo. 1 – limites identificados da cavidade; 2 – chaminés e projeções de acidentes relevantes.

O registo do preenchimento sedimentar desta cavidade, cuja escavação se iniciou em 2011 com a abertura da quadrícula IID20, não foi concluído devido a dificuldades logísticas decorrentes da tarefa de escavação. Contudo, procedeu-se à descrição dos níveis artificiais decapados e que constituem uma camada única. O sedimento decapado é argiloso, tem uma cor a olho nu castanho claro com correspondência no código de cores de Cailleux ao S25 e uma textura granulosa solta medianamente húmida. Contem blocos de calcário e pequenos nódulos de estalactites até ao máximo de 15 centímetros aleatoriamente embalados e pequenas raízes, bem como alguns nódulos de carvão. À superfície contém alguns blocos de maiores dimensões soltos, aparentemente fruto de destacamento do teto e/ou de rolamento a partir da chaminé colmatada a este por sedimento onde afloram alguns blocos de grande dimensão.

O lado oeste da quadrícula corresponde à quadrícula IID19 e dada a forma da cavidade e as características do sedimento foi necessário iniciar em 2012 os trabalhos nesta quadrícula de forma a poder prosseguir a

intervenção na cavidade. Esta quadrícula apresentava uma grande quantidade de materiais soltos à superfície num sedimento extremamente pulverulento. Mesmo usando de extremo cuidado, os trabalhos de escavação na quadrícula ao lado poderiam provocar danos como o derrube do corte ou a destruição de elementos ósseos. À superfície continha, tal como junto a toda a parede oeste da cavidade, alguns blocos de maiores dimensões soltos, possivelmente em resultado de destacamento do teto e/ou de rolamento a partir da chaminé.

Nos decorrer dos trabalhos foram recolhidos abundantes restos humanos, disseminados pelo espaço. Amostras desses restos foram submetidas a datação por radiocarbono tendo uma delas indicado uma cronologia pré-histórica (Beta-276993; data convencional: 3410 +/- 40 BP). Outra, de que aqui se tratará, forneceu a data de 1750±40 BP (Beta-276944) a qual calibrada com a curva IntCal20 (Reimer et al., 2020) se obtiveram os seguintes intervalos de tempo: para 1 sigma 245 - 360 cal AD e para 2 sigma 236 - 406 cal AD.

REF. DE LABORATÓRIO	BETA-276994
Idade de radiocarbono convencional	1750±40 BP
Calibração a 1σ (68,4% prob.)	245-265 cal AD (1685-1705 cal BP) 272-350 cal AD (1600-1678 cal BP) 357-360 cal AD (1590-1593 cal BP)
Calibração a 2σ (95,4% prob.)	236-405 cal AD (1710-1610 cal BP)

Tabela 1: Resultados da datação por radiocarbono.

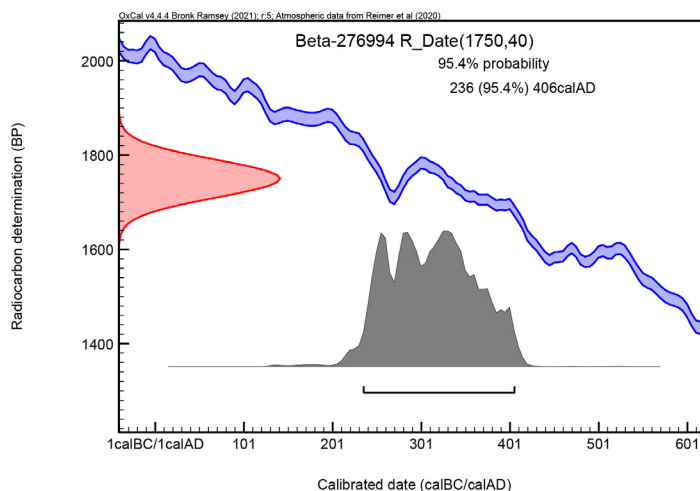


Figura 3: Calibração da datação por radiocarbono (segundo Reimer et al., 2020 em conjunto com Stuiver e Reimer, 1993).

Associados a este espólio foram recolhidas diversas peças e fragmentos metálicos (anel, argola e tachas em ferro, fivela e argola em bronze, ...) que possivelmente fariam parte da indumentária, calçado e outro equipamento de um indivíduo, assim como 11 moedas, provavelmente em bronze, e duas em ouro. A escavação forneceu escasso material cerâmico, maioritariamente informe, à exceção de um fragmento de recipiente com arranque de asa.

Considerando que a escavação desta sala não pode ser concluída devido a um diferendo com o proprietário do terreno, parece-nos evidente que não foi recolhida a totalidade do espólio inicialmente presente.

3. ESTUDO DOS MATERIAIS

3.1. RESTOS ANTROPOLÓGICOS DA SALA II

Após a realização de duas campanhas de escavação na Sala I da Lapa Rasteira do Castelejo, foi possível identificar um contexto sedimentar com importantes perturbações pós-deposicionais (Graça, 2009-2010; 2010-2011), bem como proceder à recolha de uma numerosa amostra osteológica humana, já previamente analisada (Tomé, 2009-2010; 2010-2011).

Uma vez que durante as campanhas anteriores tinham sido observados alguns ossos humanos à superfície da Sala II, considerou-se oportuno na campanha de 2011 proceder à caracterização desse segundo espaço desta cavidade cársica. Para o efeito, realizou-se uma pequena sondagem na Sala II, que revelou uma importante concentração de restos osteológicos humanos.

O inventário desta sub-amostra corresponde, até ao momento, a 226 registos em base de dados, dos quais 180 correspondem a fragmentos ósseos e 46 a restos dentários. Somados estes valores aos totais existentes para a Sala 1 da Lapa Rasteira do Castelejo, dispomos para já de uma amostra osteológica humana total composta por 695 fragmentos ósseos e 159 dentários.

Após a recolha, identificação e inventário destes restos osteológicos humanos, procedeu-se à determinação do Número Mínimo de Indivíduos, tanto adultos como não-adultos, com base nas metodologias de Herrmann et al. (1990, adaptado por Silva, 1996) para os ossos longos e de Ubelaker (1974) para os restantes elementos do esqueleto, analisando-se tanto os indivíduos adultos como os não-adultos.

As reduzidas dimensões da amostra analisada, bem como o seu cariz parcial, fizeram com que não tenha

sido possível desenvolver uma análise detalhada da representatividade óssea. Ainda assim, é de sublinhar que, no conjunto de restos osteológicos humanos recuperados da Sala II, se incluem elementos pertencentes a todas as diferentes regiões do esqueleto humano.

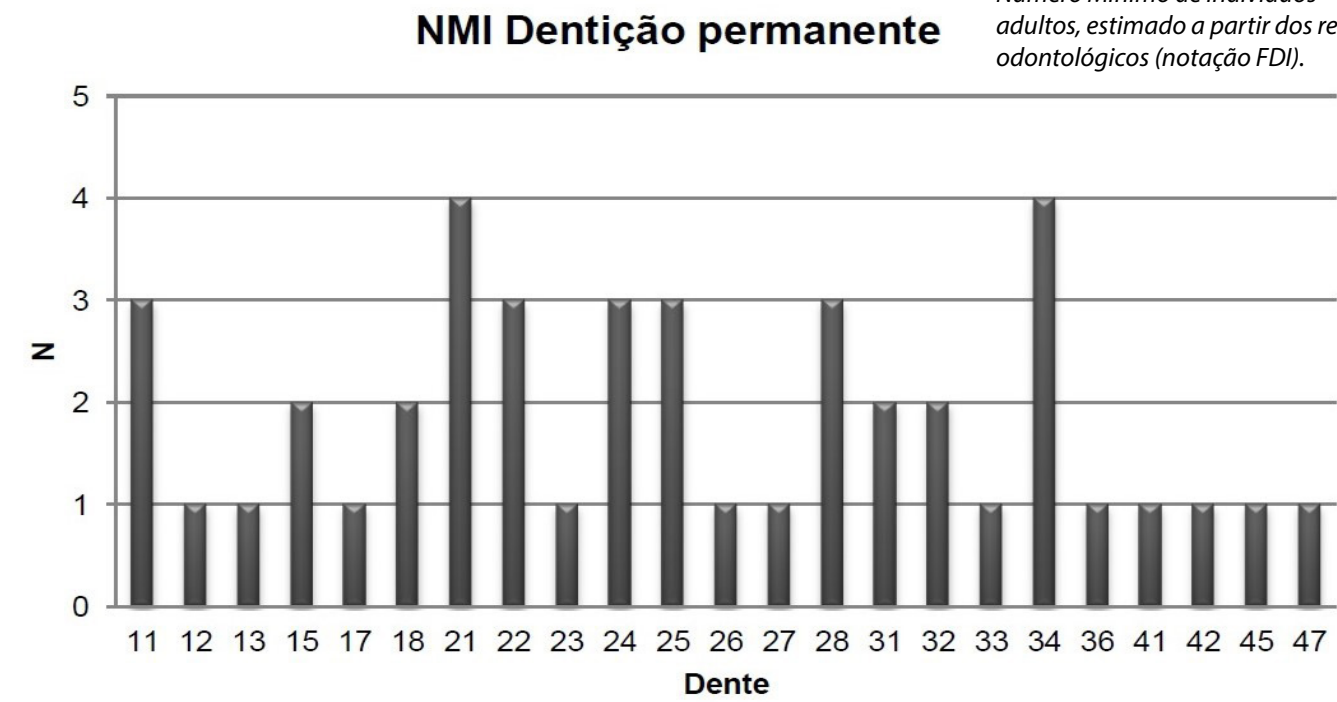
3.1.1. NÚMERO MÍNIMO DE INDIVÍDUOS

A estimativa do Número Mínimo de Indivíduos adultos com base nos restos ósseos indicou um valor de pelo menos 2 indivíduos contidos nesta sub-amostra, representados pelo 3º cuneiforme e pelo talus direitos (Tabela 2). Considerando-se os elementos odontológicos, foi possível discernir a presença de, pelo menos, 3 indivíduos adultos, representados pelo terceiro molar superior esquerdo (dente 28 na notação FDI). Tanto o incisivo central superior esquerdo (dente 21) quanto o primeiro pré-molar inferior esquerdo (dente 34) apresentam um valor mais elevado (4). Porém, representam dois dentes cuja erupção se processa ainda durante a infância e adolescência, pelo que não nos é possível assegurar que correspondam de facto a indivíduos adultos (Figura 1). Assim, mantém-se o número mínimo de 3 indivíduos adultos representados até ao momento na Sala II da Lapa Rasteira do Castelejo.

Osso	NMI
Coxal D	1
3º Cuneiforme D	2
3º Cuneiforme E	1
Escafóide D	1
Escafóide E	1
Fémur D	1
Maxilar D	1
Maxilar E	1
1º Metacarpiano D	1
1º Metacarpiano E	1
2º Metacarpiano D	1
1º Metatarsiano E	1
5º Metatarsiano D	1
Navicular D	1
Patela E	1
Rádio E	1
Talus D	2
Talus E	1
Temporal D	1
Úmero E	1

Tabela 2: Número Mínimo de Indivíduos adultos, com base nos restos ósseos.

Figura 4:
Número Mínimo de Indivíduos adultos, estimado a partir dos restos odontológicos (notação FDI).



Relativamente aos indivíduos não-adultos, uma vez cruzados os dados da identificação óssea com a estimativa da idade à morte, foi possível distinguir a presença de, pelo menos, 2 indivíduos. No primeiro caso, trata-se de uma criança, provavelmente abaixo dos 6 anos de idade, representada pela púbis esquerda. No segundo caso, trata-se de um adolescente, representado pela púbis e pela patela direitas. Quanto aos dados odontológicos, estes não são mais claros, na medida em que não se registam repetições de peças dentárias que possibilitem a identificação inequívoca de vários indivíduos. Considerando-se os intervalos etários estimados parece clara a presença de, pelo menos, dois indivíduos não-adultos nesta subamostra. Eventualmente poderá encontrar-se ainda aqui representado um terceiro indivíduo, mas não dispomos de dados suficientes para assegurar tal situação neste momento (ver abaixo). Como tal, mantemos de momento a estimativa do Número Mínimo de Indivíduos não-adultos desta amostra em 2 indivíduos. Assim, esta sub-amostra apresenta um NMI total de 5 indivíduos.

3.1.2. APRECIÇÃO GLOBAL

A Sala II da Lapa Rasteira do Castelejo foi utilizada, à imagem da Sala I da mesma gruta, como local de deposições funerárias. Dispomos de um conjunto de 180 fragmentos ósseos e 46 fragmentos dentários, recuperados numa área de escavação muito reduzida, o que deixa em aberto o hipotético condicional de, tivesse a escavação prosseguido, se vir a recuperar uma importante série osteológica humana nesta sala. Com a amostra disponível o que se pode afirmar é que, neste contexto foram depositados, pelo menos, 5 indivíduos, 3 adultos e 2 não-adultos. Os dados paleodemográficos são particularmente escassos. Em termos etários, apenas dispomos de dados relativos aos não-adultos, indicando a deposição de uma criança e um adolescente neste contexto funerário. Relativamente à diagnose sexual, apenas se obtiveram resultados com base no úmero e no talus, em todos os casos resultando em diagnósticos femininos. Sublinhe-se que todos os diagnósticos realizados poderão corresponder a um único indivíduo, pelo que apenas podemos adiantar que nesta sala terá sido depositado um indivíduo do sexo feminino. Os restantes dois adultos aqui depositados permanecem, para já, com sexo indeterminado. Também em termos

morfológicos pouco poderemos avançar, na medida em que apenas foi possível estimar a estatura com base nos tali utilizados na diagnose sexual. Esse indivíduo do sexo feminino teria uma estatura em torno dos 150 cm. Igualmente a análise do achatamento das diáfises dos ossos longos se limitou ao cálculo do Índice de Platimeria num único caso, que resultaria tratar-se de um fémur hiperplatimérico. Os dados relativos à patologia são igualmente escassos. Em termos de patologias orais, 20,9% dos dentes analisados (N=43) apresentam lesões cariogénicas, predominantemente de pequena a média dimensão. A maioria dos dentes observados apresenta depósitos de *calculus* dentário (53,5%, N=23), de pequenas dimensões. Quanto ao desgaste oclusal do esmalte dentário, o valor médio desta sub-amostra é baixo, correspondendo a 2,54 (N=41). Registou-se também um caso de lesão traumática, sobre um segundo metacarpiano direito.

O cariz parcial da amostra impede que se realize uma análise aos gestos funerários desenvolvidos na Sala II da Lapa Rasteira do Castelejo. A identificação de, pelo menos, 5 indivíduos, numa área escavada de tão reduzidas dimensões pode sugerir que se está perante um contexto de inumação coletiva. Porém, uma vez que o contexto cultural e sedimentar deste espaço sepulcral não são claros, não se pode rejeitar a hipótese de que neste espaço se encontrem registados diferentes momentos sequentes de utilização funerária.

3.2. CONJUNTO NUMISMÁTICO DA SALA II

As 13 moedas que foram recolhidas dispersas pelos níveis da sala II, representariam – estamos em crer – a totalidade ou parte do conteúdo de uma bolsa, aí colocada não sabemos em que circunstâncias. A influência de fatores pós-deposicionais, manifesta na forma desordenada como as moedas, as ossadas e o restante espólio foram encontrados e o facto de não ter sido possível escavar todo o compartimento justificam as dúvidas que a esse respeito possam surgir.

Desse conjunto foi possível classificar 12 exemplares, todos emitidos num espaço temporal de aproximadamente quatro décadas, entre a segunda metade do século IV d.C. e os inícios do séc. V: 10 moedas em bronze dos anos 364-395 d.C. e ainda 2 *solidi* de Honório, lavrados em Roma entre 404 e 408 d.C. (cf. Tabela 3).

	ROMA	TESSALONICA	HERACLEIA	INDET.	TOTAL
Gloria Romanorum (cativo) - Ae3 Imperador indeterminado				2	2
Reparatio Reipub - Ae2 Imperador indeterminado		1		1	2
Gloria Romanorum (lábaro) - Ae2 Teodósio Honório			4	2	4 2
Tipo indeterminado - (Ae2) Imperador indeterminado				1	1
Victoria Auggg - (Solidi) Honório	2				2
Total	2	1	4	6	13

Tabela 3: Resumo do conjunto numismático classificado.

Em termos globais, este pequeno conjunto é relativamente heterogéneo, uma vez que não é habitual o aparecimento de espécies áureas associadas a moedas de bronze, o que se poderá explicar pelas circunstâncias peculiares que estarão na origem do achado. Utilizando como referência os tesouros monetários – que na verdade são o único termo de comparação de que dispomos – esta associação entre ouro e bronze é muito rara.

Considerando a extraordinária abundância de tesouros peninsulares de finais do séc. IV – inícios do V (Martínez Chico 2020, p. 813-816) constatamos que o único tesouro misto documentado com alguma segurança é o de Torrecañón, Badajoz (Velázquez Jiménez, 1983, p. 81-190) – composto por 1450 bronzes e 1 *solidus* (do tipo RIC X 1252, idêntico aos da Lapa Rasteira). Todavia, García Figuerola (1999 14, n. 54), é de opinião de que o *solidus* não faria parte do tesouro.

Existem referências a outros hipotéticos tesouros mistos, nomeadamente os de Rencovo (Caldas de Monchique), que contaria com um *solidus* de Honório (Bost *et alii*, 1992 57, nº 135), São Tomé de Negrelos (Santo Tirso), com um ou vários *solidi* de Teodósio (Bost *et alii* 1992 58-59, nº 143) ou o da Rua D. Afonso Henriques (Braga), que fecharia com bronzes de Valentiniano III e que supostamente incluiria também 2 *solidi* (Martínez Chico, 2020, p. 618).

A estes poderemos adicionar um pequeno depósito de Conimbriga, recolhido em 2018, composto por 1 *Ae3 Fel Temp Reparatio*, 6 *Ae2 Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* e 1 *solidus* de Teodósio, batido na Itália do Norte, c. 383 d.C. (Correia, 2021 23, l. 94; Ruivo, 2021, p. 89; Marques, 2023, p. 50-52 e 113; Marques *et al*,

n.p.). O depósito conimbrigense, provavelmente ainda incompleto, parece estar mais próximo das ocultações de urgência que dos tesouros de aforro.

No entanto, e considerando as circunstâncias em que foram descobertas as moedas da Lapa Rasteira e as diversas questões por esclarecer (nomeadamente as relativas à composição total do achado e, sobretudo, a incerteza relativamente à cronologia das inumações encontradas na sala II), teremos que nos questionar sobre a natureza deste conjunto monetário: tesouro intencionalmente ocultado ou depósito funerário?

À partida, inclinamo-nos mais para a primeira possibilidade, se partirmos do pressuposto de que os indivíduos identificados no relatório antropológico poderão encontrar-se, à semelhança da quase totalidade dos indivíduos identificados na sala I, associados a enterramentos pré-históricos, facto que, sem as obrigatórias datações pelo método do carbono 14, não pode para já ser confirmado. Por outro lado, o relatório da intervenção de 2012 dá conta da abundante presença de espólio metálico em ferro (tachas, fragmentos de argolas, anel) e em bronze (argolas e fivela) (Cruz *et alii*, 2012, p. 8-9, Gráfico 4) o que não permite descartar a hipótese de estarmos na presença de elementos que integravam o mobiliário funerário de uma ou mais sepulturas do período romano/tardo-romano. Na área cantábrica, as grutas de Ereñuko Aritzi e Goikolau (Biscaia) forneceram pequenos conjuntos monetários de finais do século IV que poderão estar associados a contextos funerários (Fanjul Peraza *et alii*, 2021, p. 295, nº 5-6).



Figura 5: Seleção de numismas da Sala II.

A situação, de resto, encontra-se documentada na sala I, onde se detetou a presença de uma inumação efetuada algures entre o segundo terço do século III e o final do século IV-inícios da seguinte (cf. *supra* Tabela 1).

De qualquer modo, a presença de moedas de ouro em contextos funerários romanos ou tardo-romanos é muito pouco comum. Num estudo apresentado em 2013 por Lisa Brown sobre a presença da moeda nos rituais funerários romanos na Itália, Britânia e Dinamarca, apenas escassas sepulturas britânicas forneceram moedas de ouro, e todas com cronologias anteriores ao séc. IV (Brown, 2013, p. 226-228), facto que a autora atribui eventualmente a uma tradição local (Brown, 2013, p. 308). Numa rápida passagem de olhos pelo inventário realizado por Bost *et alii* (1992) para a Hispânia até finais do século IV-inícios do V, não detetámos a presença em sepulturas, nem sequer de forma isolada, de moedas de ouro. Por outro lado, a prática de entesouramentos em grutas no decurso do século V está relativamente bem documentada no espaço peninsular, particularmente nas zonas asturo-cantábrica e basca, onde se identificaram diversos casos:

- La Cuesta de Berció (Grado, Astúrias): depósito composto por 209 unidades, na grande maioria Ae4, a mais recente das quais emitida em 430 d.C. em nome de Valentiniano III (Fanjul Peraza *et alii*, 2021, p. 287-299).
- Chapipi (Grado, Astúrias): depósito composto por um anel em ouro e 14 numismas, dos quais se identificaram 13 (11 *solidi* e 2 *trientes*). O exemplar

mais recente é de Constantino III (Escortell Ponsoda, 1973, p. 43-54).

- Santimamiñe (Cortezubi, Biscaia): depósito composto por 106 bronzes (*nummi*, Ae3 e Ae4), dos quais se conservam 96. O exemplar mais recente identificado data dos anos 388-402 d.C. (Cepeda-Ocampo, 1990, p. 41-48).
- Sagastigorri (Cortezubi, Biscaia): depósito composto por cerca de 80 moedas, das quais se conservam presentemente 64, sendo apenas 17 identificáveis, maioritariamente *nummi* e Ae4. A cronologia dos exemplares oscila entre os anos 388-408 d.C. (Cepeda-Ocampo e Unzueta Portilla, 1988, p. 141-142).
- Solacueva (Jócano, Álava): depósito constituído por 48 moedas de bronze, essencialmente *nummi*, Ae3 e Ae4. Com uma cronologia que se estende de Tétrico I a 408 d.C., podem ser o resultado de um entesouramento, de oferendas religiosas ou de perdas fortuitas (Barandiarán Maestu, 1971, p. 175-202; Martínez Chico, 2021, p. 508-509, nº 358).
- Abauntz (Arraiz, Navarra): nas escavações realizadas nesta gruta, recolheram-se 64 moedas de bronze do séc. IV (*nummi*, Ae3 e Ae4), 30 das quais fariam eventualmente parte de um entesouramento. O exemplar mais recente dataria dos anos 388-392 d.C. (Utrilla Miranda e Redondo Veintemillas, 1979, p. 31-40; Utrilla Miranda, 1982, p. 223-234). Para uma discussão do achado: Martínez Chico, 2021, p. 504-505, n. 355).

No sudeste peninsular, é conhecido o caso da gruta de Peliciego (Jumilla, Múrcia), com um conjunto monetário composto por 40 moedas de bronze (*nummi*, Ae3 e Ae4), com a cronologia do exemplar mais recente a estender-se até 408 d.C. (Lechuga Galindo, 1985, p. 202-204).

A menos de duas dezenas de quilómetros da Lapa Rasteira, na vertente sul da serra de Aire, situa-se a Lapa da Galinha (Alcanena), importante necrópole dos 4º - 3º milénios a.C. (Van Calcker, 2020) e onde terá sido recolhido um conjunto monetário do qual se conservam presentemente no Museu Nacional de Arqueologia 19 Ae2 das séries *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* (lábano) (Cepeda-Ocampo, 2000 180; Sienes Hernando, 2000, p. 130 e 159, n. 90). Em contexto arqueológico diferente, mas igualmente nas imediações e com composição relativamente idêntica, estão documentados os tesouros de Lameirancha (Alcanena), composto por um número indeterminado de *nummi* e Ae2 *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* (Cepeda, 2000, p. 180), e de Baralhas (Torres Novas), do qual fariam parte moedas do século IV, nomeadamente de Teodósio e Honório, descobertas em 1748 ou por volta desse ano (Azevedo, 1899-1900, p.119).

Em suma, parecem-nos motivos mais do que suficientes para considerarmos as moedas da Lapa Rasteira como fazendo parte de uma ocultação. Os bronzes que fazem parte do depósito da Lapa Rasteira enquadram-se na perfeição na tipologia das espécies circulantes em finais do séc. IV e inícios do séc. V, com a habitual presença das séries *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum*, que fecham a esmagadora maioria dos depósitos localizados na faixa ocidental lusitana localizada a sul do Mondego, à semelhança do verificado na área bética (Cepeda-Ocampo, 2000, p.177-182; Martínez Chico, 2020, p. 814-816).

Os exemplares mais antigos identificados são dois Ae3 da série *Gloria Romanorum* (Imperador com lábaro, arrastando cativo) possivelmente emitidos em nome de Valentiniano I ou de Valente entre 364 e 375 d.C., conforme se deduz do pouco que se conserva das respetivas legendas de anverso.

As restantes moedas são de módulo maior, as *maiorinae*, comumente designadas por Ae2. Neste grupo contam-se 2 exemplares da série *Reparatio Reipub*, emitida entre 378 e 383 d.C. para os imperadores legítimos, essencialmente nas casas da moeda ocidentais, e entre 383 e 387 d.C. para o usurpador Magno Máximo, apenas nas casas da moeda gaulesas. Um dos exemplares,

apesar de não permitir a identificação da respetiva autoridade emissora, pertence seguramente à primeira fase, uma vez que foi batido em Tessalonica (cf. Cat., nº 3) que, como vimos, não emitiu para Máximo.

Os restantes seis exemplares identificados pertencem à série *Gloria Romanorum* (Imperador com lábaro e globo), emitida para Teodósio e para os filhos Arcádio e Honório entre 393 e 395 d.C. Deste lote, quatro unidades foram lavradas em Heracleia (cf. Cat. nº 5-8). Não foi possível proceder à atribuição das restantes moedas (cf. Cat. nº 9-10).

Um dos bronzes recolhidos na escavação não foi identificado, devido à má conservação. Trata-se, todavia, de um A2 que, com elevado grau de probabilidade, pertenceria a uma das duas séries monetárias recém-citadas (cf. Cat., nº 11).

O estudo deste pequeno conjunto de bronzes revelou uma peculiaridade em quatro deles (cf. Cat. nº 4, 6, 8 e 10) que muito nos intrigou e que justificou um pedido ao C2TN-IST para proceder à sua análise química. De facto, estes quatro exemplares, não obstante estarem completos, sem defeitos ou marcas de desgaste demasiado profundas, e possuírem módulos dentro do padrão habitual para os Ae2 (21-23mm), apresentavam pesos anormalmente baixos, concretamente situados entre os 0,43 e os 0,64g. De notar que estas moedas eram originalmente cunhadas a 1/60 a libra, o que corresponde a um peso teórico de 5,38g por exemplar. No entanto, o seu peso real, dependendo do estado de conservação, aproximava-se dos 5g (Cepeda-Ocampo, 2000, p. 192).

Deste modo, as quatro moedas foram analisadas por Espectrometria de Fluorescência de Raios X dispersiva de energias num equipamento portátil Bruker S1 Titan 600.

Para não danificar os exemplares em estudo, as análises foram efetuadas sem qualquer tipo de limpeza da camada de alteração superficial. No entanto, tal impede a obtenção de resultados quantitativos devido a fenómenos de enriquecimento superficial de certos elementos químicos, resultantes da corrosão da matriz metálica e da contaminação com elementos do solo.

Nas análises semi-quantitativas foram obtidos resultados idênticos para as quatro moedas, tendo sido identificados o ferro e crómio como elementos maioritários, assim como o alumínio, silício, enxofre, potássio, cálcio, titânio, níquel e cobre como elementos minoritários. Estes últimos elementos químicos devem ser resultado da contaminação com elementos do

solo durante o período de enterramento das moedas (o cobre apresenta teores muito reduzidos, não compatíveis com uma matriz metálica). O crómio pode resultar da aplicação de produtos de conservação após a recuperação das moedas, sendo os produtos à base deste elemento muito utilizados na proteção contra a corrosão de artefactos em ferro (Milošev, 2019). Assim sendo, as análises indicaram que as quatro moedas foram produzidas em ferro, estando agora significativamente corroídas. Por esta razão, são mais leves do que as restantes moedas em bronze, dado que esta liga metálica é mais resistente à corrosão.

Haubner et al. (2016) referem que foram produzidas inúmeras cópias em ferro na periferia do império devido a uma significativa falta de cobre no final do século II e início do III. Por exemplo, nas regiões de *Noricum* e *Pannonia* existiu a produção em grande escala de moedas em ferro, cujos exemplares (subferrati) consistem num núcleo de ferro revestido com uma liga de cobre (Pfisterer, 2006). As análises efetuadas às moedas da Lapa Rasteira não permitiram identificar a existência de um revestimento em liga de cobre, sendo provavelmente estes exemplares simples cópias produzidas em ferro.

No seu estado atual, este conjunto termina com dois *solidi* de Honório (Cat. 12-13). Segundo Kent (1994, p. 324), a sua cunhagem teve lugar entre 404 e 408 d.C. Não obstante, Georges Depeyrot admite que a cronologia desta emissão poderá estender-se até 416 d.C., por ocasião das várias estadas do Imperador em Roma: em 404 na celebração do seu sexto consulado, em 407-408, em 411 para os *vicennalia* e, finalmente, em 416 para comemorar o triunfo sobre Prisco Átalo (Depeyrot 1996a, p.151).

Estamos na presença de exemplares praticamente sem vestígios de uso, circunstância que nada tem de excecional se considerarmos que o ouro não tinha uma utilização corrente, estando destinado essencialmente ao aforro enquanto reserva de valor, ao pagamento de importantes transações e de avultados impostos (Depeyrot 1996b, p.18-23), ao mesmo tempo que era um reflexo do prestígio económico e social dos indivíduos. Não obstante, está bem documentado o incremento da circulação da moeda áurea a partir do último terço do século IV e durante os inícios da centúria seguinte (Ripollès, 2002, p. 213-214; Bost et alii, 1992, p. 36 e 88, Fig. 5).

3.2. AS CERÂMICAS TARDO-ROMANAS DA SALA I

A presença na Sala I da mesma gruta de vários fragmentos de cerâmicas tardo-romanas levou-nos a analisar também esse conjunto.

Dado o panorama atual dos conhecimentos sobre cerâmicas comuns romanas na Lusitânia e a localização geográfica em causa, pareceu adequado concentrar a análise tipológica das duas dezenas de peças cerâmicas identificáveis na comparação com o material de Conimbriga, único sítio arqueológico oferecendo uma amostragem alargada e datada dessas produções. A coincidência das produções é efetivamente marcante (com duas únicas exceções).

As peças nº 1 a 3 correspondem a pequenas painéis de cerâmica quartzítica e/ou calcítica dos tipos das *Fouilles de Conimbriga V* (= J. Alarcão 1975) 334-337.

No mesmo fabrico cerâmico, a peça nº 5 corresponde ao tipo das *Fouilles de Conimbriga V* 382.

Estas cerâmicas surgem em Conimbriga do séc. I d.C. até aos níveis de abandono e destruição da cidade.

As taças nº 8 a 10 correspondem a produções de cerâmica alaranjada fina do tipo das *Fouilles de Conimbriga V* 621, forma que foi também produzida em cerâmica do Avelar, tipos das *Fouilles de Conimbriga V* 675-678.

O primeiro destes tipos é conhecido em Conimbriga nos níveis de destruição do fórum; os restantes, para além disso, são conhecidos nos níveis de remodelação e destruição das insulas nos séc.s IV e V d.C.

O potinho nº 11 é idêntico ao tipo das *Fouilles de Conimbriga V* 566, produzido em cerâmica alaranjada fina. A distribuição estratigráfica deste tipo, que é relativamente comum, é idêntica à das taças antes mencionadas.

As bilhas nº 14, 15 e 17 (e, por extensão – vd. Nota ao c) ao catálogo –, os nº 19-21) correspondem ao tipo das *Fouilles de Conimbriga VI* (= Alarcão 1976) 23-24. O fabrico é idêntico ao da cerâmica alaranjada fina (Fabrico 4, id. ibid., 44), distinguindo-se desta apenas pela adição da pintura a branco. A peça que melhor ilustra este tipo de bilha é um fragmento proveniente do Castro de Fiães da Feira (A. Alarcão 1975, nº 18).

Os fragmentos nº 16 e 18 não têm paralelo exato em Conimbriga, mas integram-se claramente na mesma produção.

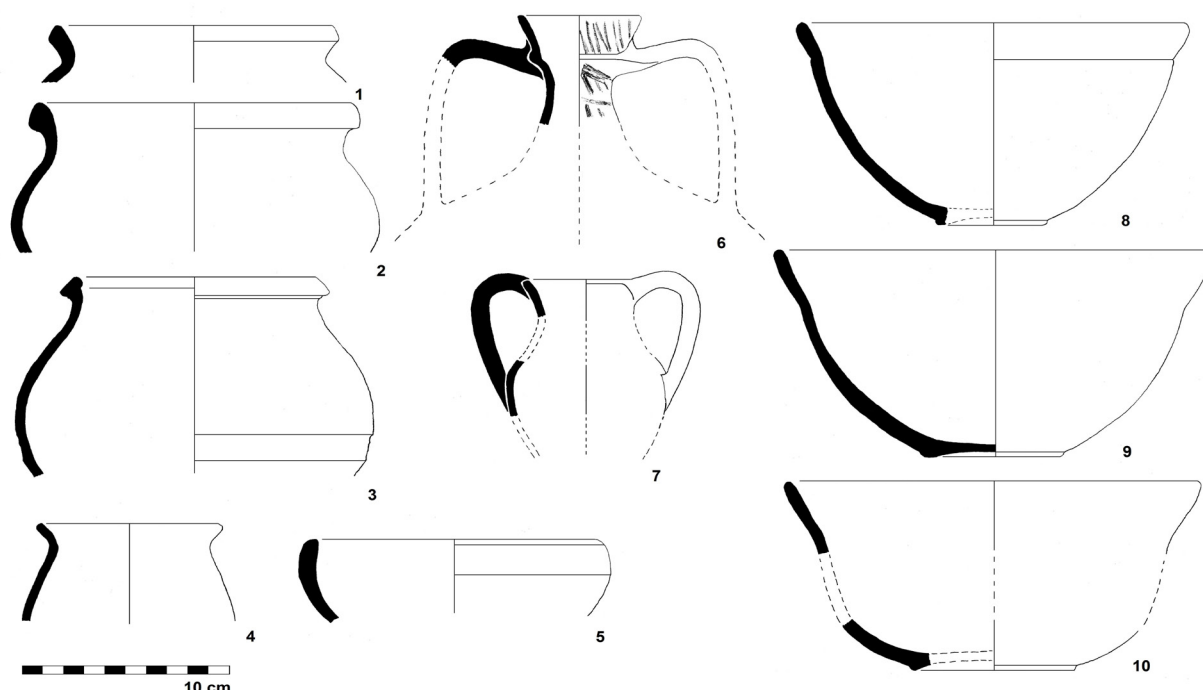


Figura 6:
Cerâmicas
comuns da
Sala I.

Estas cerâmicas pintadas não podem ser datadas na estratigrafia tradicional de Conimbriga (Escavações luso-francesas: cf. Alarcão 1976, 46), sendo atribuíveis, por outras considerações, ao séc. V d.C. Escavações mais recentes confirmam essa datação (Vieira et al. 2021, 159 [Casa do tridente e da espada]). A sua ocorrência neste conjunto comprova essa datação.

As peças nº 22 e 23 são de difícil análise devido à escassez dos fragmentos sobreviventes; os nºs 26 e 27 podem pertencer-lhes. Correspondem genericamente aos tipos das *Fouilles de Conimbriga* V 582-583, que não são datáveis estratigraficamente.

A peça nº 2 é um potinho de torneamento muito simples, num fabrico *sui generis*. Deve corresponder a uma pequena produção localizada, de origem inidentificável, por agora.

Os vasos nº 24 e 25 são produções em cerâmica alaranjada fina, no caso do nº 24 com vestígios de pintura a branco, que todavia mostram uma forma não imediatamente reconhecível, semelhante a um pequeno *amphoriskos*. Pequenos potinhos nesta produção (e em cerâmica cinzenta fina, que com ela partilha muitas formas) são bem conhecidos, bem como taças bi-ansatas de maiores diâmetros. No entanto, por agora, não são identificáveis paralelos exatos para estes vasos.

O nº 29 é um vidro de cronologia tardia, como as cerâmicas.

Os 29 números de catálogo referenciados correspondem a um número mínimo de vinte peças cerâmicas e uma peça de vidro. A sua cronologia, em análise interna do conjunto, centra-se nos finais do séc. IV e séc. V.

O conjunto tem uma composição que, pese embora a escassez de contextos comparáveis, pode julgar-se inusual:

- 7 peças (33% do total) são pequenos vasos de cozinha, maioritariamente com vestígios de uso, mas todos de pequena dimensão.
- 4 peças cerâmicas e uma peça de vidro (c. 23%) são taças de servir, designáveis como *acetabuli* (Hilgers 1969, 33-34).
- 9 peças (c. 44%) podem classificar-se como *urcei* ou *urceoli* (op. laud. 298-300), vasos destinados ao transporte de líquidos de distintas naturezas e em quantidades variáveis.

Visto desta forma o conjunto não representa, prima facie, um conjunto funcional em termos habitacionais normais, onde se esperaria a presença de vasos de cozinha de maiores dimensões, de alguns destinados à armazenagem e uma menor percentagem de vasos de servir (que são, apesar de tudo, de um relativo luxo). Deve ser notada a predominância das jarras (pintadas ou não) em ambientes funerários em todo o ocidente da península. Este facto está certamente ligado à prática das oferendas de comida e bebida (vinho)

nas sepulturas, o que acompanha a predominância da inumação em datas tardias (Toynbee 1971 37, 51-53, 62 em especial n. 253 c/ ref. a ILS e CIL; Dunbabin 2003, 127). É, portanto, lícito afirmar que pelo menos os *urceoli* do conjunto (mais de um terço do total de peças identificadas), se destinariam a vinho, o que reforça o carácter inusual do conjunto.

Por outro lado, é manifesta a inexistência, por agora, de evidências comparáveis ao contexto da Lapa Rasteira (cf. Lavan *et al.*, 2008), que possam eventualmente permitir desenvolver algum raciocínio sobre o que esse contexto representa. Preliminarmente pode avançar-se a hipótese de estes vasos representarem os restos de rituais funerários realizados num espaço vestibular ao espaço de uso funerário, que é testemunhado pelos restos humanos contemporâneos recolhidos na sala II.

4. CATÁLOGO DE MATERIAIS

4.1. NUMISMÁTICOS

1. LRC II, D20, na 3, CAM A, nº 96A

AE3, Valentiniano I ou Valente (?), Casa da moeda indeterminada, 364-375 d.C.

A/ D N VALE [...]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ [GLOR]IA RO - [MANORVM]; Imperador para a direita, segurando lábaro com a mão esquerda e arrastando cativo com a direita

Marca: ?

0,20g; 15,5-16mm; 12h.

Fig. 5, 1.

2. LRC II, D20, na 3, CAM A, nº 96B

AE3, Valentiniano I ou Valente (?), Casa da moeda indeterminada, 364-375 d.C.

A/ [D N] VALE [...]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ Ilegível; tipo *Gloria Romanorum*; Imperador para a direita, segurando lábaro com a mão esquerda e arrastando cativo com a direita

Marca: ?

1,19g; 15-16mm; 11h.

Não ilustrada.

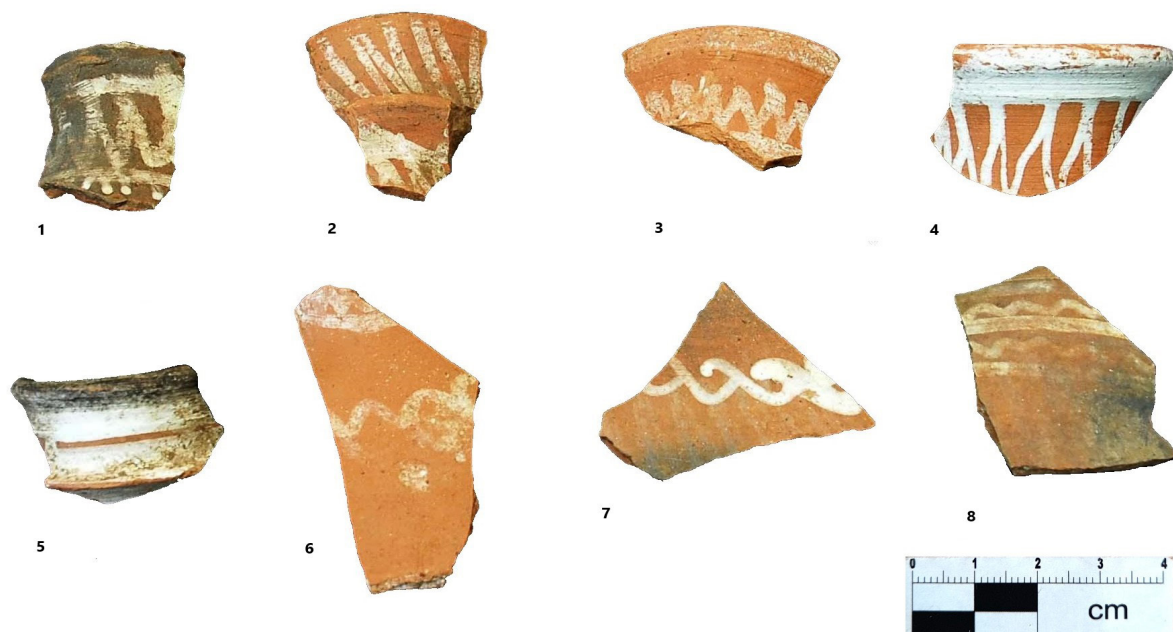
3. LRC II, D 19, na 1, CAM A, nº 14A

AE2, Imperador indeterminado, Tessalonica, 378-383 d.C., LRBC 1823-1826.

A/ [...] AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ REPAR[ATIO REIPVB]; Imperador em pé, de frente,

Figura 7: Cerâmicas pintadas da Sala I.



com a cabeça voltada para a esquerda, ergue mulher ajoelhada com a mão direita e segura globo nicéforo com a esquerda

Marca: - Γ//SMTE[S]

4,32g; 21-23,5 mm; 12h.

Não ilustrada.

4. LRC II, D19, na 1, CAM A, nº 14G

AE2, Imperador e casa da moeda indeterminados, 378-387 d.C.

A/ [...] AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ [RE]PA[RATIO REIPVB]; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a esquerda, ergue mulher ajoelhada com a mão direita e segura globo nicéforo com a esquerda

Marca: - -//[...]

0,60g; 21-23,5mm; 12h.

Fig. 5, 2.

5. LRC II, D 19, na 1, CAM A, nº 14E

AE2, Teodósio, Heracleia, LRBC 1989, 393-395 d.C.

A/ D N THEODO - SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANORVM; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - *//SMHA

3,03 g; 20-22mm; 12h.

Fig. 5, 3.

6. LRC II, D19, na 1, CAM A, nº 14B

AE2, Teodósio, Heracleia, 393-395 d.C., LRBC 1989

A/ D N THEODO - SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANORVM; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - *//SMHA

0,43g; 20-21,5mm; 12h

Fig. 5, 4.

7. LRC II, D19, na 1, CAM A, nº 14D

AE2, Teodósio, Heracleia, 393-395 d.C., LRBC 1989

A/ D N THEODO - SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANORVM; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - *//SMH[...]

3,90g; 20-23mm; 12h.

Não ilustrada.

8. LRC II, D19, na 1, CAM A, nº 14H

AE2, Teodósio, Heracleia, 393-395 d.C., LRBC 1989

A/ D N THEODO - SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANORVM; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - *//SMH[...]

0,60g; 20-22,5mm; 12h

Fig. 5, 5.

9. LRC II, D19, na1, CAM A, nº 14F

AE2, Honório, Casa da moeda oriental, 393-395 d.C.

A/D N HONORI[VS P F AVG]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANORVM; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - -//SM[...]

4,20 g; 21-23 mm; 12h.

Não ilustrada.

10. LRC II, D 19, na 1, CAM A, nº 14C

AE2, Honório, Casa da moeda oriental, 393-395 d.C.

A/ D N HONOR[IVS P F AVG]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ GLORIA ROMANOR[VM]; Imperador em pé, de frente, com a cabeça voltada para a direita, segurando lábaro na mão direita e globo na esquerda

Marca: - -//SM[...]

0,64g; 21-23mm; 12h.

Não ilustrada (não limpa, mal conservada).

11. LRC II D 19, na 4, CAM A, nº 374

AE2, Imperador e casa da moeda indeterminados, finais do séc. IV

3,95g, 22-23 mm.

Não ilustrada.

12. LRC II, D 19, na 3, CAM A, nº 264

Solidus, Honório, Roma, 404-408 d.C., cf. RIC X 1252

(*Solidus* do tipo "Milan style"; cfr. RIC X, p. 129)

A/ D N HONORI - VS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ VICTORI - A AVGGG; Imperador para a direita com estandarte e globo nicéforo, calcando prisioneiro que se volta para ele

Marca: R M//COMOB

4,47g; 21mm; 6h

Obs: pouco ou quase nenhum desgaste. Fig. 5, 6.

13. LRC II, D 19, na 3, CAM A, nº 292

Solidus, Honório, Roma, 404-408 d.C. (RIC X)/404-416 d.C., cf. RIC X 1252

A/ D N HONORI - VS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado

R/ VICTORI - A AVGGG; Imperador para a direita com estandarte e globo nicéforo, calcando prisioneiro que se volta para ele

Marca: R M//COMOB

4,39g; 20-21mm; 6h

Obs: pouco ou quase nenhum desgaste. Fig. 5, 7.

4.2. CERÂMICOS

Notas:

A. a associação dos fragmentos de fundo aos restantes fragmentos das peças nº 8, 9 e 10 é a reconstituição mais provável das peças presentes, mas não é absolutamente segura, pois os fragmentos não são adjacentes.

B. os fragmentos catalogados sob o nº 13 devem pertencer às peças nº 8, 9, 10 ou 12, mas os fragmentos não são adjacentes.

C. os fragmentos catalogados sob os nº 19-21 podem pertencer às peças nº 14-17, mas os fragmentos não são adjacentes e o esquema decorativo é indeterminável.

1. 4 fragmentos de bordo de uma pequena panela de cerâmica calcítica/quartzo-micácea, de cor alaranjada, mostrando sinais de fogo junto ao bordo. Bordo espessado no exterior. Diam. abertura 14cm, esp. parede 4mm. Fragmentos LRC: IL 10 s/c 35, 128, 137; IL 11 s/c 47. Fig. 6, 1.
2. 4 fragmentos de bordo de uma pequena panela de cerâmica calcítica, de cor vermelha no interior, acastanhada no exterior, mostrando sinais de fogo no exterior. Bordo espessado no exterior. Diam. abertura 16cm, esp. parede 6mm. Fragmentos LRC: IN 10 38, s/c 5, 177, 264. Fig. 6, 2.
3. fragmento de bordo e bojo de panela em cerâmica gresosa, alaranjada no interior, castanha no exterior, com sinais de fogo no exterior e vestígios de calcite depositada. Bordo triangular no exterior, arredondado no interior. Diam. abertura 13cm; diam. max c. 19cm, esp. parede 4mm, larg. bordo 10mm. Fragmento LRC: IL D20 4A 147. Fig. 6, 3.
4. 2 fragmentos adjacentes de bordo e colo de pequena panela ou potinho de cerâmica quartzítica grosseira, de cor castanho acinzentado. Bordo extrovertido simples. Diam. abertura 9cm, esp. parede 3mm. Fragmentos LRC: IM 10 s/c 127; IL 11 s/c 16. Fig. 6, 4.
5. fragmento de bordo de uma frigideira de cerâmica calcítica/quartzo-micácea, de cor alaranjada, mostrando fortes sinais de fogo. Bordo espessado e reentrante no interior. Diam. max 15cm aprox., esp. parede 6mm. Fragmento LRC: IL 10 s/c 36. Fig. 6, 5.
6. fragmento de fundo de vaso de forma não identificável em cerâmica quartzítica de cor cinzento. Fundo liso sem marcação. Esp. fundo 14mm, parede 6mm, diam. indeterminável. Fragmento LRC: IL 11 s/c 39. Não ilustrado.
7. fragmento de fundo de vaso de forma não identificável em cerâmica quartzítica de cor cinzento, mostrando efeitos de sobre-exposição a altas temperaturas (sinterização e bolhas). Fundo liso assinalado exteriormente. Esp. fundo 9mm, parede 10mm, diam. indeterminável. Fragmento LRC: IL 10 58. Não ilustrado.
8. 9 fragmentos de uma taça hemisférica com bordo marcado, em cerâmica alaranjada fina. Bordo arredondado, pé em bolacha. Diam. abertura, 19cm, diam. pé 6cm, alt. c. 10cm, esp. pé 9mm, esp. parede 5mm. Fragmentos LRC: IL 9 s/c 11; IM 9 54;

- IL 10 56, s/c 13, 34, 175; IN 10 s/c 63, 141; Rec./Sup. s/c 14. Nota A. Fig. 6, 8.
9. 5 fragmentos de uma taça hemisférica com bordo marcado, em cerâmica alaranjada fina. Bordo arredondado, pé em bolacha. Diam. abertura, 21,5cm, diam. pé 7cm, alt. c. 110mm, esp. pé 7mm, esp. parede 4mm. Fragmentos LRC: IM 9 s/c 989; IL 10 s/c 30; IL 11 s/c 40; IM 10 34, s/c 199. Nota A. Fig. 6, 9.
 10. 5 fragmentos não adjacentes de uma taça hemisférica com bordo marcado, em cerâmica alaranjada fina. Bordo arredondado, pé em bolacha. Diam. abertura, 20cm, diam. pé 8cm, alt. 10cm aprox., esp. pé 7mm, esp. parede 5mm. Fragmentos LRC: IL 9 s/c 2A; IL 10 s/c 12; IM 10 s/c 159, 187; IN 10 s/c 142. Nota A. Fig. 6, 10.
 11. 2 fragmentos de fundo e 1 fragmento de bordo de um potinho em cerâmica alaranjada fina, com decoração de traços verticais brunidos sobre a parte externa do bordo. Fundo liso, bordo extrovertido de lábio simples. Diam. fundo 9cm; outras dim. indetermináveis. Fragmentos LRC: IL 10 23; IL 11 s/c 24; IN 10 s/c 64. Não ilustrado.
 12. fragmento de fundo de provável taça em cerâmica alaranjada fina. Diam. 4cm, esp. max. 4mm. Fragmento LRC: IM 11 s/c 30. Não ilustrado.
 13. 7 fragmentos de bordos de taças de cerâmica alaranjada fina. Esp. 4 mm aprox., diam. indeterminável. Fragmentos LRC: IL 10 s/c 138; IM 9 s/c 28; IM 10 s/c 200; IM 11 s/c 3A, 22; IN 9 s/c 64; IN 10 s/c 29. Nota B. Não ilustrado.
 14. 4 fragmentos de gargalo e asa de uma bilha de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa de ziguezague entre traços horizontais, de que o inferior é decorado com pequenos traços pendentes, formando uma franja. Larg. asa 28mm, outras dimensões indetermináveis. Fragmentos LRC: IM 11 s/c 18, 21; IN 9 s/c 27; IN 11 s/c 20. Fig. 7, 1.
 15. 3 fragmentos de bordo e asa de uma bilha de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa de ziguezague sobre o bordo e vestígios de uma outra sobre o colo, traçada entre traços horizontais, de que o inferior é decorado com pequenos traços pendentes, formando uma franja. Diam. abertura 6cm, larg. asa 24mm. Fragmentos LRC: IL 9 s/c 13; IL 11 s/c 114; IM 9 s/c 101. Fig. 6, 6 e fig. 7, 2.
 16. fragmento de bordo de uma bilha de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa de ziguezague sobre o bordo traçada entre traços horizontais, dos quais o superior cobre o lábio. Diam. abertura 5cm. Fragmento LRC: IL 11 s/c 113. Fig. 7, 3
 17. fragmento de bordo de uma bilha de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa de ziguezague fino sobre o bordo e uma faixa larga cobrindo o lábio. Diam. abertura 6cm. Fragmento LRC: IL 10 57. Fig. 7, 4.
 18. fragmentos de bordo de uma bilha de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando faixas cobrindo toda a superfície, deixando estreitos filetes em reserva a meio do bordo e sobre a carena de onde este arranca. Diam. abertura 3cm. Fragmento LRC: IM 10 s/c 147. Fig. 7, 5.
 19. fragmento de pança de vaso de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando duas faixas decorativas paralelas, um meandro solto e outro entre traços. Dimensões indetermináveis. Fragmento LRC: IM 9 s/c 102. Nota C. Fig. 7, 6.
 20. 3 fragmentos de pança de vaso de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa decorativa de SS encadeados, com ponto acusado na extremidade de cada um. Dimensões indetermináveis. Fragmentos LRC: IL 9 s/c 12; IM 11 s/c 23; IM 12 s/c 9. Nota C. Fig. 7, 7.
 21. 3 fragmentos de pança de vaso de cerâmica alaranjada fina pintada a branco, mostrando uma faixa decorativa com um meandro entre traços horizontais. Dimensões indetermináveis. Fragmentos LRC: IM 10 s/c 77, 149; IM 11 s/c 3A. Nota C. Fig. 7, 8.
 22. fragmento de bordo de uma bilha de cerâmica alaranjada, mostrando arranque de asa. Diam. abertura 6cm aprox. Fragmento LRC: IN 11 s/c 7. Não ilustrado.
 23. 4 fragmentos de bojo e asa de uma bilha de cerâmica alaranjada, de secção curva. Alt. min. asa 13cm, larg. 31mm. Fragmentos LRC: IM 11, s/c 10, 20, 23; IN 10 s/c 127. Não ilustrado.
 24. 5 fragmentos de bordo e asas de um pequeno vaso aberto com duas asas, de cerâmica alaranjada fina, com vestígios de pintura a branco. O bordo é simplesmente esvasado e a asa de fita, arrancando

do bojo e ligando diretamente ao lábio. A pintura a branco parece formar faixas sobre o bojo, à altura do arranque da asa e sobre o bordo. Diam. abertura 9cm aprox., asa larg. 24mm e alt. min. 7cm, esp. parede 2 a 3mm. Fragmentos LRC: IM 10 s/c 47, 148; IM 11 s/c 11 24; IM 12 s/c 1F. Não ilustrado.

25. 4 fragmentos de bordo e asas de um pequeno vaso aberto com duas asas, de cerâmica alaranjada fina. O bordo é simplesmente esvasado e a asa de secção em D, arrancando do bojo e ligando diretamente ao lábio. Diam. abertura 6cm aprox., asa alt. 6cm e secção 9x17mm, esp. parede 3mm. Fragmentos LRC: IM 11 s/c 10, 20, 23; IN 10 s/c 127. Fig. 6, 7.
26. fragmento de fundo e bojo de vaso de cerâmica alaranjada. Fundo liso. Esp. parede 1cm, outras dim. indetermináveis. Fragmento LRC IL 9 s/c 28. Não ilustrado.
27. fragmento de fundo de vaso (bilha?) de cerâmica alaranjada. Pé em bolacha. Diam. 10cm, esp. parede 1cm. Fragmento LRC: IM 11 s/c 6. Não ilustrado.
28. 2 fragmentos de *imbrices*. Fragmentos LRC: IN 11 s/c 1B, 2F. Não ilustrados.
29. fragmento de bordo de taça de vidro de cor verde-escuro. Bordo enrolado a fogo com espaço vazio no enrolamento. Esp. parede 2,5mm, outras dim. indetermináveis. Fragmento LRC: IL 9 s/c 21. Não ilustrado.

CONCLUSÕES

Consideramos que encontrar uma explicação simples e racional para as circunstâncias que levaram à presença destes conjuntos de mobiliário cerâmico e de moedas nas condições em que chegaram até nós, é uma impossibilidade.

As hipóteses são várias. Louças e moedas corresponderão a uma única ocupação da Lapa Rasteira ou existiram várias utilizações desfasadas no tempo? A escassa margem de cobertura entre a datação por radiocarbono de um dos indivíduos exumados na gruta e o conjunto numismático, parecem fazer a balança pender para este último caso. E esse indivíduo, foi lá sepultado ou, pura e simplesmente, morreu lá por acidente? O facto de, aparentemente, todas as ossadas humanas descobertas se encontrarem em posição secundária não facilita em nada a nossa interpretação.

A dissociação espacial entre louças da Sala I e moedas da Sala II, sugere que a primeira terá sido eventualmente utilizada como espaço habitacional. Outra hipótese é a de que a Sala I tenha funcionado como espaço de desenvolvimento de rituais do *funus*, dos indivíduos inumados na Sala II; as características particulares do conjunto cerâmico podem entender-se como corroborando esta hipótese (que é, todavia, contrariada pelas alegações seguintes).

Quanto à sala II, apesar de as suas exíguas dimensões terem permitido algumas inumações, não reuniria as melhores condições de habitabilidade, motivo pelo qual terá servido para a ocultação das moedas. A numismática dificilmente suporta uma interpretação como oferta fúnebre e a utilização do espaço como necrópole tardo-romana parece pouco provável; vejam-se, a título de exemplo, os trabalhos de Perassi 2001, p. 101-114; Ceci, 2005, p.407-416; Brown, 2013 e Doyen, 2017, p. 93-100, sobre a presença da moeda em contextos funerários e respetiva interpretação. Sem uma datação radiocarbónica das várias ossadas recolhidas neste espaço, não é possível resolver de forma cabal esta questão.

Considerando uma possível utilização não funerária da gruta, como refúgio de um ou vários indivíduos, quem seriam estas pessoas que viveram na Lapa Rasteira do Castelejo? Por que motivo alguém viveria numa gruta, em lugar ermo, acompanhado por um mínimo de objetos (cerâmicos) que lhe terão garantido alguma capacidade de sobrevivência, em qualquer caso, à margem da sociedade? São apenas pistas de interpretações possíveis - e muitas outras se poderiam seguramente colocar - para as quais não temos, de momento, uma resposta satisfatória.

Considerando a cronologia dos materiais recolhidos, pode colocar-se a hipótese de que esta ocupação tardia não será alheia a algumas das perturbações que afetaram a Hispânia logo a partir dos meados do século IV, com a revolta dos *bagaudes* (Sayas Abengochea e García Merino, 1986, p. 149-152 e 508), e nos inícios do século V, nomeadamente o conflito que opôs os partidários de Constantino III e os de Honório (Fernández Portaencasa, 2020, p. 217-243), cujas ondas de choque terão afetado a Lusitânia, ou a chegada dos povos germânicos e o clima de instabilidade daí decorrente e que se prolongou no tempo de forma duradoura (Alarcão 2018, p. 311 e segs.).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Câmara Municipal de Porto de Mós, e particularmente à sua Técnica Superior, Dr^a Luísa Machado, todas as facilidades concedidas no acesso aos materiais. Agradecemos ao Eng^o António Monge Soares a colaboração prestada na calibração da datação radiocarbónica e na discussão dos resultados.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, A. M. (1975). Céramiques peintes. In A propos des céramiques de Conimbriga. Inst. Arqueologia, Coimbra (*Separata de Conimbriga XIV*), pp. 102-107.
- Alarcão, A. M. (1976). Céramiques peintes. In Alarcão, J. et al., *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*, De Boccard, Paris, pp. 43-50.
- Alarcão, J. (1975). *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale*, De Boccard, Paris.
- Alarcão, J. (2018). *A Lusitânia e a Galécia do séc. II A.C. ao séc. VI D.C.*, Imprensa da Universidade, Coimbra
- Azevedo, P. A. (1899-1900). Notícias archeologicas do seculo XVIII, *O Archeologo Português* 5, 115-120.
- Barandiarán Maestu, I. (1971). Monedas romanas de Solacueva (Jócano, Alava), *Investigaciones Arqueológicas en Alava (1957-1968)*, Instituto Alavés de Arqueologia, Vitória, pp. 175-202.
- Bost, J.-P.; Campo, M.; Gurt, J.M. (1992). Trouvailles d'aurei et de solidi dans la Péninsule Ibérique. In Brenot, Cl. E Lorient, X. (dir.), *L'or monnayé: trouvailles de monnaies d'or dans l'Occident romain*, Paris, CNRS (Cahiers Ernest Babelon 4), pp. 33-89.
- Brown, L. (2013). *Charon's Obol? An archaeological study of the role of coins in Roman burial ritual (with case studies from Roman Italy, Germany, Britain and unconquered Scandinavia)*, Edimburgo, Universidade de Edimburgo (dissertação de doutoramento inédita).
- Ceci, F. (2005). La deposizione della moneta nella tomba: continuità di un rito tra paganesimo e cristianesimo, *Histria Antiqua*, 13, 407-416.
- Cepeda-Ocampo, J. J. (1990). *Moneda y circulación monetaria en el País Vasco durante la antigüedad (siglos II a.C.-V d.C.)*, Bilbao Bizkaia Kutxa, Bilbao.
- Cepeda-Ocampo, J. J. (2000). Maiorina Gloria Romanorum. Monedas, tesoros y áreas de circulación en Hispania en el tránsito del siglo IV al siglo V, *Archivo Español de Arqueología*, 73, 161-192.
- Cepeda-Ocampo, J. J. e Unzueta Portilla, M. (1988). Numismática bajoimperial romana del Norte de la Península Ibérica, *Kobie* 17, 135-155.
- Correia, V. H. (ed.) (2021). *Conimbriga. Catálogo das coleções*, 3ª edição, DGPC/Blue Book, Lisboa.
- Cruz, A. R. G. P. da (2011). *Lapa Rasteira do Castelejo – campanha arqueológica de 2011 (relatório da intervenção)* <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> (acedido em 1 de Março de 2023).
- Cruz, A. R. G. P. da et alii (2012). *Relatório da Lapa Rasteira do Castelejo – sala II - campanha de 2012 (relatório da intervenção)*. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> (acedido em 1 de Março de 2023)
- Depeyrot, G. (1996a). *Les monnaies d'or de Constantin II à Zénon (337-491)*, Moneta, Wetteren, (Col. Moneta 5).
- Depeyrot, G. (1996b). *Crisis e inflación entre la Antigüedad y la Edad Media*, Editorial Crítica, Barcelona.
- Doyen, J.-M. (2017). Une monnaie pour le mort – des monnaies pour les vivants. L'obole à Charon: la fin d'un mythe ?, in Hanut, F. (dir.), *Du bûcher à la tombe. Diversité et évolution des pratiques funéraires dans les nécropoles à crémation de la période gallo-romaine en Gaule septentrionale*, Service public de Wallonie, Namur, pp. 93-100.
- Dunbabin, K. M. D. (2003). *The Roman banquet*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Escortell Ponsoda, M. (1973). El tesorillo romano-bizantino de Chapipi, *Archivum* 23, 43-54.
- Fanjul Peraza, A.; Juaneda Gavelas, A.; García Flórez, R.; Ceballos Hornero, A.; Muñoz Fernández, E.; Llamosas San Miguel, C. (2021). El tesorillo tardorromano de la cueva de La Cuesta de Berció (Grado, Asturias). Primeras valoraciones en su contexto cantábrico, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 47 (2), 287-299.
- Fernández Portaencasa, M. (2020) A Fifth Century "Gallic Empire": Hispania as part of the Constantine III usurpation, *Studia Historica. Historia Antigua*, 38, 217-243.

- García Figuerola, M. (1999). *Cuatro estudios sobre el Ae2 teodosiano y su circulación en Hispania*, BAR publishing, Oxford (BAR-IS 802).
- Graça, A. (2009-2010). Relatório de escavação da Lapa Rasteira do Castelejo. In Cruz, A. (ed.) (2009/2010) – *Ângulo* (edição electrónica). Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/09-10/rel_LRC09.pdf
- Graça, A. (2010-2011). Relatório da escavação da Lapa Rasteira do Castelejo. In Cruz, A. (ed.) (2010/2011) – *Ângulo* (edição electrónica). Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/10-11/relatorio_LRC10.pdf
- Haubner, R., Strobl, S., Zbiral, J., Gusenbauer, C., Pintz, U. (2016). Metallurgical characterization of a coated Roman iron coin by analytical investigations. *Archaeometry*, 58/3, 441-452.
- Herrmann, B.; Grupe, G.; Hummel, S.; Piepenbrink, H.; Schutkowski, H. (1990). *Praehistorische Anthropologie*. Leitfaden der Fels und Labormethoden, Springer Verlag, Berlin.
- Hilgers, W. (1969). *Lateinische gefässnamen*, Rheinland Vlg, Dusseldorf.
- Lavan, L.; Swift, E e Putzeys, T. (2008). *Objects in context. Objects in use*, Brill, Leiden.
- Lechuga Galindo, M. (1985). Numismática tardorromana de la región de Murcia. I. Ocultaciones y conjuntos monetarios, *Antigüedad y Cristianismo* 2, 195-230.
- Carson, R. A. G.; Hill, P. V.; Kent, J. P. C (1978). *Late Roman Bronze Coinage A. D. 324-498*, Spink & Son Ltd., Londres (=LRBC).
- Marques, D. S. S. (2023). *Contributos para a circulação monetária tardia da Lusitânia: os tesouros monetários do Setor G XVII e da Basílica de Conimbriga e os do Logradouro, Largo da Amoreira e Chão dos Cardos de Idanha-a-Velha*, (Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Marques, D. S. S.; Ruivo, J.; Correia, V. H. (n.p.). Notas sobre dois conjuntos monetários tardo-romanos de Conimbriga, *Nummus* 45, no prelo.
- Martínez Chico, D. (2020). *Los tesoros imperiales de Hispania*, (dissertação de doutoramento inédita), Universidade de Valência, Valência.
- Milošev, I. (2019). Contemporary modes of corrosion protection and functionalization of materials. *Acta Chimica Slovenica* 66, 511-533.
- Perassi, C. (2001). Le monete della necropoli: osservazioni sul rituale funerario. In Sannazaro, M. (ed.), *Ricerche archeologiche nei cortili dell'Università Cattolica. La necropoli tardoantica, Vita e pensiero ed.*, Milão, pp. 101-114
- Pfisterer, M. (2006). *Limesfalsa und subferrate Kleingeldkopien: Römisches Ersatzgeld am Donaulimes* (PhD thesis) Universität Wien, Viena.
- Reimer P.; Austin, W.; Bard, E.; Bayliss, A.; Blackwell, P.G.; Bronk Ramsey, C.; Butzin, M.; Cheng, H.; Edwards, R.L.; Friedrich, M.; Grootes, P.M.; Guilderson, T.P.; Hajdas, I.; Heaton, T.J.; Hogg, A.G.; Hughen, K.A.; Kromer, B.; Manning, S.W.; Muscheler, R.; Palmer J.G.; Pearson, C.; van der Plicht, J.; Reimer, R.W.; Richards, D.A.; Scott, E.M.; Southon, J.R.; Turney, C.S.; Wacker, L.; Adolphi, F.; Bantgen, U.; Capano, M.; Fahrni, S.; Fogtmann-Schulz, A.; Friedrich, R.; Kahler, P.; Kudsk, S.; Miyake, F.; Olsen, J.; Reinig, F.; Sakamoto, M.; Sookdeo, A.; Talamo, S. (2020). The IntCal20 Northern Hemisphere radiocarbon age calibration curve. *Radiocarbon* 62. doi: 10.1017/RDC.2020.41.
- Kent, J. P. C. (1981). The Roman Imperial Coinage, VIII. The family of Constantine I A. D. 337-364, Spink & Son Ltd., Londres (=RIC VIII).
- Kent, J. P. C. (1994). *The Roman Imperial Coinage. X- The divided Empire and the fall of the western parts AD 395-491*, Spink & Son, Ltd., Londres (=RIC X).
- Ripollès, P. P. (2002). La moneda romana imperial y su circulación en Hispania, *Archivo Español de Arqueología*, 75, 195-214.
- Ruivo, J. (2021). O tesouro de *solidi* de Conimbriga e a circulação do ouro na cidade após o final da dominação romana. In Correia, V. H. e Ruivo, J. S. (eds.), *Conimbriga diripitur. Aspectos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Imprensa da Universidade, Coimbra, pp. 81-93.
- Sayas Abengochea, J. J.; García Moreno; L. A., (1986). *Romanismo y Germanismo. El despertar de los pueblos Hispánicos*, Ed. Labor, Barcelona (Tuñón de Lara, M. [dir.] Historia de España II).
- Silva, A. M. (1996). *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios a. C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada* (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Dep. de Antropologia, FCTUC, Coimbra (policopiado).

Stuiver, M., and Reimer, P.J. (1993). Extended 14C Data Base and Revised CALIB 3.0 14C Age Calibration Program, *Radiocarbon*, 35-1, 215-230.

Tomé, T. (2009-2010). Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós) – Relatório do estudo laboratorial dos restos ósseos humanos exumados na campanha de escavação de Outubro de 2009. In Cruz, A. (ed.) (2009/2010) – *Ângulo* (edição electrónica). Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. <http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/09-10/AMSrelLRC.pdf>

Tomé, T. (2010-2011). Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós) – Relatório do estudo do espólio osteológico humano exumado nas campanhas de 2009 e 2010. In Cruz, A. (ed.) (2010/2011) – *Ângulo* (edição electrónica). Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico Tomar. http://www.cph.ipt.pt/angulo/download/rel_antropologia_LRC09_10.pdf

Tomé, T. (2011). *Relatório do estudo dos restos osteológicos humanos exumados da Sala 2 da Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós)*, IPT, Tomar (Relatório não publicado).

Toynbee, J. M. C. (1971). *Death and burial in the Roman world*, Cornell University Press, Ithaca NY.

Ubelaker, D., 1989, *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*, 2ª edição, Taraxacum, Washington DC.

Utrilla Miranda, P. e Redondo Veintemillas, G. (1979). Monedas de bronce de época constantiniana halladas en la cueva de Abauntz (Navarra), *Príncipe de Viana* 154-155, 31-40.

Utrilla Miranda, P. (1982). El yacimiento de la cueva de Abauntz (Arraiz, Navarra), *Trabajos de Arqueología Navarra* 3, 203-345.

Van Calker, D. S. (2020). *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.)*, (Dissertação de mestrado em Arqueologia) Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Velázquez Jiménez, A. (1983). El tesorillo de Torrecanos, Guareña (Badajoz), una contribución al estudio de la circulación monetaria durante el Bajo Imperio en el territorium emeritense, *Augusta Emerita* I, Madrid, Ministerio de Cultura (EAE 126), pp. 81-190.

Vieira, T. G.; Ferreira, A. F. e Correia, V. H. (2021). A desagregação do espaço urbano I: escavações na Casa do tridente e da espada. In Ruivo, J. e Correia, V. H. (eds.) *Conimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Imprensa da Universidade, Coimbra, pp. 145-162.

Zbyzewski, G.; Manupella, G.; Assunção, C. F. T. (1970). *Folha 27A Vila Nova de Ourém*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa (Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000).

Zbyzewski, G.; Manupella, G.; Assunção, C. F. T. (1974). *Notícia explicativa da Folha 27A Vila Nova de Ourém*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa (Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000).